



# O CÓDIGO DA VINCI



## O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.



# O CÓDIGO DA VINCI

DAN BROWN



ARQUEIRO



**Para Blythe... Outra vez.  
Mais do que nunca.**

## AGRADECIMENTOS

**Antes de mais nada,** agradeço a meu amigo e editor, Jason Kaufman, por sua enorme dedicação a este projeto, e por entender verdadeiramente o que este livro significa. E à incomparável Heide Lange – incansável defensora de *O Código Da Vinci*, extraordinária agente literária e minha amiga do peito.

Não tenho como expressar minha gratidão para com o excepcional corpo de funcionários da Doubleday, por sua generosidade, fé e orientação espetaculares. Agradeço especialmente a Bill Thomas e Steve Rubin, que acreditaram neste livro desde o início. Meus agradecimentos também ao núcleo inicial de torcedores de primeira hora da editora, liderado por Michael Palgon, Suzanne Herz, Janelle Moburg, Jackie Everly e Adrienne Sparks, bem como aos talentosos funcionários do departamento de vendas da Doubleday, e a Michael Windsor, pela capa sensacional.

Por sua ajuda generosa na pesquisa para o livro, gostaria de agradecer ao Museu do Louvre, ao Ministério da Cultura da França, ao Projeto Gutenberg, à Biblioteca Nacional de Paris, à Biblioteca da Sociedade Gnóstica, ao Serviço de Estudos e Documentação de Pinturas do Louvre, à *Catholic World News*, ao Observatório Real de Greenwich, à London Record Society, ao Acervo de Escrituras e Contratos da Abadia de Westminster, a John Pike e à Federação de Cientistas Americanos, e aos cinco componentes do Opus Dei (três ativos, dois inativos) que me relataram suas histórias, tanto positivas quanto negativas, com relação a suas experiências nessa organização.

Minha gratidão também à livraria Water Street por encontrar tantos livros para minhas pesquisas; a meu pai, Richard Brown – professor de Matemática e escritor –, por sua ajuda com a Divina Proporção e a seqüência Fibonacci; a Stan Planton, Sylvie Baudeloque, Peter McGuigan, Francis McNerney, Margie Wachtel, Andre Vernet, Ken Kelleher, da Anchorball Web Media; Cara Sottak, Karyn Popham, Esther Sung, Miriam Abramowitz, William Tunstall-Pedoe e Griffin Wooden Brown.

E, por fim, eu seria um relapso se não mencionasse as duas mulheres extraordinárias que transformaram minha vida nos agradecimentos de um

romance que trata tão profundamente do sagrado feminino. Em primeiro lugar, minha mãe, Connie Brown – companheira de ofício, nutriz, musicista e exemplo de vida. E minha esposa, Blythe – historiadora de arte, pintora, editora de primeira linha e, sem dúvida, a mulher mais incrivelmente talentosa que conheci.

---

## F A T O S

**O** Priorado de São – sociedade secreta européia fundada em 1099 – existe de fato. Em 1975, a Biblioteca Nacional de Paris descobriu pergaminhos conhecidos como *Os Dossiês Secretos*, que identificavam inúmeros membros do Priorado de São, inclusive *Sir* Isaac Newton, Botticelli, Victor Hugo e Leonardo da Vinci.

**A** prelazia do Vaticano, conhecida como Opus Dei, é uma organização católica profundamente conservadora, que vem sendo objeto de controvérsias recentes, devido a relatos de lavagem cerebral, coerção e uma prática perigosa conhecida como “mortificação corporal”. A Opus Dei acabou de completar a construção de uma Sede Nacional em Nova York, ao custo de aproximadamente 47 milhões de dólares.

**T**odas as descrições de obras de arte, arquitetura, documentos e rituais secretos neste romance correspondem rigorosamente à realidade.

---

## Prólogo

### Museu do Louvre, Paris

22:46

O renomado curador Jacques Saunière percorreu cambaleante a arcada abobadada da Grande Galeria do museu. Lançou-se de encontro à pintura mais próxima que enxergou, um Caravaggio. Agarrando a moldura dourada, o homem de 76 anos puxou a obra-prima para si até despencar para trás, arrancando o quadro da parede e caindo de qualquer jeito por baixo da tela.

Como havia previsto, um portão de ferro desceu, com grande estrondo, ali perto, lacrando a entrada do conjunto de salas do gabinete. O assoalho de parquê tremeu. Bem distante, um alarme começou a soar.

O curador ficou ali deitado um instante, arquejante, avaliando a situação. *Ainda estou vivo.* Rastejando, saiu de baixo do quadro e esquadrinhou o ambiente cavernoso, procurando onde se esconder.

Uma gélida voz soou, assustadoramente próxima.

– Não se mexa.

De quatro, o diretor paralisou-se, virando a cabeça devagar.

A apenas cinco metros, diante do portão lacrado, a silhueta monstruosa de seu agressor espreitava-o por entre as barras de ferro. Era espadaúdo e alto, pele branca como a de um fantasma e cabelos também brancos e ralos. As íris eram rosadas, com pupilas vermelho-escuras. O albino sacou uma pistola do casaco e, passando o cano entre as barras, apontou-a diretamente para o diretor.

– Não devia ter fugido. – O sotaque dele era indefinível. – Agora me diga onde está.

– Eu já lhe disse – gaguejou o diretor, ajoelhado e indefeso no chão da galeria. – Não faço a menor idéia do que está falando!

– Mentira sua. – O homem estava perfeitamente imóvel, a não ser pelo brilho de seus olhos fantasmagóricos, cravados em Saunière. – Você e sua fraternidade possuem uma coisa que não lhes pertence.



O curador sentiu uma torrente de adrenalina na circulação. *Como era possível que ele soubesse disso?*

– Esta noite ela voltará para as mãos dos guardiães corretos. Diga-me onde está escondida, que pouparei sua vida. – O homem ergueu a arma até a altura da cabeça do curador. – É um segredo pelo qual o senhor morreria?

Saunière não conseguia respirar.

O homem inclinou a cabeça, fazendo mira.

Saunière levantou as mãos.

– Espere – disse, devagar. – Vou lhe contar o que precisa saber. – O curador pronunciou as palavras seguintes com imenso cuidado. Havia ensaiado várias vezes a mentira que contou... rezando a cada vez para jamais ser obrigado a utilizá-la.

Quando o curador terminou de falar, o atacante sorriu, pretensioso.

– Sim. Foi exatamente isso o que os outros me disseram.

Saunière encolheu-se. *Os outros?*

– Eu também os encontrei – disse o gigante, sarcástico. – Todos os três. Confirmaram o que acabou de me dizer.

*Não pode ser!* A verdadeira identidade do curador, assim como as de seus três guardiães, era quase tão sagrada quanto o segredo antiquíssimo que eles protegiam. Saunière agora percebia que seus guardiães, seguindo à risca os procedimentos, haviam contado a mesma mentira antes de morrerem. Fazia parte do protocolo.

O atacante tornou a mirar.

– Quando o senhor tiver morrido, eu serei o único a saber a verdade.

*A verdade.* Em um instante, o curador percebeu o verdadeiro horror da situação. *Se eu morrer, a verdade se perderá para sempre.* Instintivamente, procurou se proteger, desajeitado.

A arma explodiu, o diretor sentiu um calor escaldante quando a bala se alojou em seu estômago. Caiu para a frente... lutando contra a dor. Vagarosamente rolou de barriga para cima e lançou um olhar vidrado ao seu atacante, do outro lado das barras.

O homem agora estava mirando direto a cabeça de Saunière.

Saunière fechou os olhos, os pensamentos transformados em uma rodopiante tempestade de medo e arrependimento.

O estalido de uma arma sem munição ecoou pelo corredor.

Os olhos do diretor se abriram.

O homem olhou de relance para a arma, parecendo quase achar graça. Pegou mais um pente, mas depois reconsiderou, olhando com um sorriso calmo para o sofrimento de Saunière.

– Já cumpri meu dever aqui.

O diretor olhou para baixo e viu o buraco de bala na camisa de linho branco, rodeado por um pequeno círculo de sangue alguns centímetros abaixo do esterno. *Meu estômago*. Quase cruelmente, a bala havia deixado de lhe atravessar o coração. Por ser veterano da Guerra da Argélia, o diretor havia presenciado mortes horrivelmente lentas antes. Durante 15 minutos, ele sobreviveria, enquanto os ácidos do estômago lhe penetravam a cavidade peitoral, envenenando-o lentamente por dentro.

– A dor é boa, *monsieur* – disse o homem.

Depois se foi.

Sozinho, Jacques Saunière voltou outra vez o olhar para o portão de ferro. Estava preso, e as portas não se reabririam em menos de 20 minutos. Quando alguém conseguisse alcançá-lo, ele já estaria morto. Mesmo assim, o medo que agora o assaltava era muito maior do que o da sua morte.

*Preciso passar o segredo adiante.*

Oscilando, pôs-se de pé e lembrou-se dos três membros assassinados da fraternidade. Pensou nas gerações que vieram antes deles... na missão que havia sido confiada a todos.

*Uma cadeia ininterrupta de conhecimento.*

De repente, agora, apesar de todas as precauções... apesar de todos os dispositivos à prova de falhas... Jacques Saunière era o único elo que restava, o único guardião de um dos mais poderosos segredos jamais guardados.

Tremendo, obrigou-se a ficar de pé.

*Preciso encontrar uma maneira...*

Estava preso dentro da Grande Galeria, e só havia uma pessoa no mundo a quem ele podia passar o bastão. Saunière ergueu o olhar para as paredes de sua opulenta cela. As mais famosas telas do mundo pareciam sorrir para ele, como velhas amigas.

Gemendo de dor, concentrou todas as suas faculdades e todas as suas forças. A fenomenal tarefa que tinha diante de si, sabia, iria exigir todos os segundos de vida que lhe restavam.

# CAPÍTULO 1

## Robert Langdon acordou devagar.

Um telefone tocava na escuridão – uma campainha metálica, desconhecida. Ele bateu, procurando o abajur da mesinha-de-cabeceira, e o acendeu. Semicerrando os olhos para enxergar o que o cercava, viu um quarto luxuoso, estilo renascentista, com mobília estilo Luís XVI, afrescos nas paredes e uma cama colossal de quatro pilares de mogno.

*Onde é que eu estou, afinal?*

O roupão de *jacquard* pendurado na coluna da cama tinha o monograma: HOTEL RITZ PARIS.

Lentamente, a névoa começou a dissipar-se.

Langdon atendeu o telefone.

– Alô?

– *Monsieur* Langdon? – disse uma voz de homem. – Espero não o ter acordado.

Meio zonzo, Langdon consultou o relógio ao lado da cama. Era meia-noite e trinta e dois. Ele havia dormido apenas uma hora e sentia-se morto.

– Aqui é da recepção, senhor. Desculpe a intromissão, mas o senhor tem uma visita. Ele insiste que é urgente.

Langdon ainda estava se sentindo tonto. *Um visitante?* Os olhos agora focalizavam um folheto amassado na mesinha-de-cabeceira.

## THE AMERICAN UNIVERSITY OF PARIS

*orgulhosamente apresenta*

UMA NOITE COM ROBERT LANGDON

PROFESSOR DE SIMBOLOGIA RELIGIOSA DA UNIVERSIDADE DE HARVARD

Langdon gemeu. A palestra daquela noite – uma exibição de *slides* sobre simbolismo pagão oculto nas pedras da Catedral de Chartres – provavelmente havia deixado arrepiados alguns conservadores presentes na platéia. Muito provavelmente, algum religioso erudito devia tê-lo seguido até o hotel para procurar briga.

– Mil perdões – disse Langdon –, mas estou muito cansado e...

– Mas, *monsieur* – insistiu o recepcionista, baixando a voz até ela se transformar num sussurro urgente. – Sua visita é um homem importante.

Langdon não duvidava. Seus livros sobre pinturas e simbologia religiosa tinham-no tornado, sem querer, uma celebridade no mundo da arte, e no ano passado a visibilidade dele havia aumentado cem por cento, depois de seu envolvimento com um incidente amplamente divulgado no Vaticano. Desde então, a torrente de historiadores célebres e aficionados da arte que batiam à sua porta parecia não ter fim.

– Faça-me uma gentileza – disse Langdon, procurando ser o mais educado que podia –, será que pode anotar o nome e o telefone dessa pessoa e lhe dizer que vou tentar ligar para ela antes de sair de Paris, na terça? Obrigado. – Desligou antes que o recepcionista pudesse protestar.

Sentado, agora, Langdon franziu o cenho para o seu *Manual de Relações com os Hóspedes*, ao lado da cama, em cuja capa se lia: DURMA COMO UMA CRIANÇA NA CIDADE-LUZ, RELAXE NO RITZ. Virou-se e olhou cansado para o espelho de corpo inteiro do outro lado do quarto. O homem que retribuiu seu olhar era um estranho – descabelado e exausto.

*Você está precisando tirar umas férias, Robert.*

O ano passado havia sido uma barra-pesada para ele, mas não lhe agradou ver a prova disso ali no espelho. Seus olhos azuis, geralmente aguçados, pareciam embaçados e fundos naquela noite. Uma barba escura por fazer lhe envolvia toda a mandíbula forte e o queixo com covinha. Em torno das temporadas, fios grisalhos de cabelo avançavam, penetrando na sua cabeleira negra espessa. Embora suas colegas insistissem que o grisalho só acentuava seu charme intelectual, Langdon não se deixava enganar.

*Se ao menos a Boston Magazine pudesse me ver agora...*

No mês anterior, para grande constrangimento de Langdon, o periódico *Boston Magazine* o havia incluído entre uma das dez pessoas mais estimulantes da cidade – honra dúbia que o tornou objeto de infundável gozação por parte de seus colegas de Harvard. Esta noite, a cinco mil quilômetros de casa, aquele elogio havia ressurgido, perseguindo-o na palestra que ministrara.

– Senhoras e senhores – anunciou a apresentadora para uma casa cheia no Pavillon Dauphine da American University de Paris –, nosso convidado desta noite dispensa apresentações. É autor de inúmeros livros: *A Simbologia das Seitas Secretas*, *A Arte dos Illuminati*, *A Linguagem Perdida dos Ideogramas*, e quando digo que ele escreveu a bíblia da *Iconologia Religiosa* estou querendo dizer literalmente isso. Muitos de vocês usam livros dele na sala de aula.

Os estudantes da platéia concordaram entusiasticamente.

– Eu havia planejado apresentá-lo esta noite com a ajuda de seu impressionante currículo. Porém... – Ela lançou um olhar brincalhão para Langdon, que se encontrava sentado no palco. – Um dos espectadores presentes acabou de me dar uma apresentação bem mais... como diremos... *estimulante*.

E aí ela ergueu um exemplar da *Boston Magazine*.

Langdon se encolheu. *Onde ela teria conseguido aquilo?*

A apresentadora começou a ler trechos do artigo, e Langdon sentiu-se afundar cada vez mais na cadeira. Trinta segundos depois, todos já estavam sorrindo, e a mulher não mostrava sinais de desistir. – E a recusa do Sr. Langdon de falar em público sobre seu papel incomum no conclave do Vaticano no ano passado certamente lhe atribui pontos no nosso “estimulômetro”. – Aí a apresentadora pediu ajuda da platéia. – Querem ouvir mais?

E a platéia aplaudiu.

*Pelo amor de Deus, alguém cale a boca dessa mulher*, desejou Langdon, enquanto ela mergulhava outra vez no artigo.

– “Embora o professor Langdon talvez não seja considerado bonitão como alguns de nossos premiados mais jovens, este acadêmico de quarenta e poucos anos tem mais do que apenas o fascínio exercido pelo seu intelecto. Para realçar sua presença já cativante, é dono de uma voz anormalmente grossa de barítono, que suas alunas descrevem como ‘chocolate para os ouvidos’”

Todo o salão irrompeu em gargalhadas.

Langdon deu um sorriso forçado. Sabia o que vinha depois: uma comparação idiota tipo “Harrison Ford num terno da Harris Tweed Shop” – e porque, naquela noite, havia imaginado que seria finalmente seguro outra vez usar seu terno de *tweed* da Harris e blusa de gola rolê da Burberry, resolveu tomar uma atitude.

– Obrigado, Monique – disse Langdon, erguendo-se inesperadamente e tratando de expulsá-la discretamente da tribuna. – A *Boston Magazine* claramente tem talento para a ficção. – Virou-se para a platéia com um suspiro envergonhado. – E se eu descobrir quem de vocês trouxe essa revista, mando o consulado deportar a pessoa.

Todos caíram na risada.

– Bem, como todos sabem, estou aqui hoje para falar sobre o poder dos símbolos...

A campainha do telefone do hotel voltou a romper o silêncio.

Incrédulo, ele atendeu, com um resmungo.

– Alô?

Como já esperava, era o recepcionista.

– Sr. Langdon, torno a lhe pedir mil desculpas. Estou ligando para lhe informar que seu visitante está a caminho do seu quarto. Achei melhor alertá-lo.

Langdon agora estava bem acordado.

– Você deixou alguém subir até o meu quarto?

– Perdoe-me, *monsieur*, mas um homem desses... não sei quem é que poderia detê-lo.

– Mas quem *é exatamente* esse cara?

O recepcionista, porém, havia desligado.

Quase imediatamente, um punho pesado bateu à porta de Langdon.

Incerto, Langdon saiu da cama, sentindo os pés mergulharem fundo no tapete floral estilo *savonnerie*. Vestiu o roupão do hotel e foi até a porta.

– Quem é?

– Sr. Langdon? Preciso falar com o senhor. – O inglês do homem tinha sotaque – um latido cortante e autoritário. – Meu nome é Jérôme Collet, tenente da Diretoria Central da Polícia Judiciária.

Langdon fez uma pausa. Polícia Judiciária? A DCPJ, na França, era mais ou menos o mesmo que o FBI, nos Estados Unidos.

Deixando a correntinha na porta, Langdon abriu-a alguns centímetros. O rosto que o olhava era magro e pálido. O homem era excepcionalmente esguio, vestido com um uniforme azul de aspecto oficial.

– Posso entrar? – indagou o agente.

Langdon hesitou, sentindo incerteza enquanto os olhos amarelados do homem o estudavam.

– O que é que está havendo, afinal?

– Meu capitão necessita de sua habilidade em um assunto particular.

– Agora? – objetou Langdon. – Já passa de meia-noite.

– Estou correto ao afirmar que o senhor tinha um encontro marcado com o diretor do Louvre esta noite?

Langdon sentiu um súbito desconforto. Ele e o reverenciado curador do Louvre, Jacques Saunière, tinham marcado um encontro para tomar um drinque depois da palestra de Langdon naquela noite, mas Saunière não comparecera. – Sim. Como sabia?

– Encontramos seu nome na agenda dele.

– Não aconteceu nada demais, aconteceu?

O agente soltou um suspiro pesaroso e passou-lhe uma foto polaróide pela abertura estreita da porta.

Quando Langdon viu a foto, seu corpo inteiro se contraiu.

– Essa foto foi tirada há menos de uma hora. Dentro do Louvre.

Enquanto olhava aquela imagem bizarra, Langdon sentiu que a repugnância e o choque iniciais cediam lugar a um súbito acesso de fúria.

– Mas quem é que faria uma coisa dessas?

– Tínhamos esperanças de que o senhor pudesse nos ajudar a responder essa mesma pergunta, considerando-se seu conhecimento de simbologia e seus planos de encontrar-se com ele.

Langdon ficou olhando a foto, estarecido, o horror agora mesclado com medo. A imagem era repulsiva e profundamente estranha, trazendo-lhe uma sensação esquisita de *déjà vu*. Pouco mais de um ano antes, Langdon havia recebido uma foto de um cadáver e um pedido de ajuda semelhante. Vinte e quatro horas depois, quase tinha perdido a vida dentro da Cidade do Vaticano. Essa foto era totalmente diferente, e, mesmo assim, alguma coisa naquela história toda parecia-lhe inquietantemente familiar.

O agente consultou seu relógio.

– Meu capitão está esperando, senhor.

Langdon mal o escutou. Seus olhos ainda estavam pregados à foto.

– Este símbolo aqui, e a forma como o corpo dele está, tão estranhamente...

– Posicionado? – indagou o agente.

Langdon concordou, sentindo um arrepio ao olhar para o homem.

– Não dá para imaginar quem faria isso com uma pessoa.

A expressão do policial se tornou austera.

– O senhor não está entendendo, Sr. Langdon. O que está vendo nessa foto...

– fez uma pausa. – Foi *Monsieur* Saunière quem fez isso consigo mesmo.

## CAPÍTULO 2

**A um quilômetro** e meio de distância, o gigantesco albino chamado Silas atravessava mancando os portões da frente da luxuosa residência de arenito castanho-avermelhado na Rue La Bruyère. A cinta de cilício eriçada de espinhos que usava em torno da coxa lacerava-lhe a carne, mas mesmo assim a sua alma cantava de satisfação pelo serviço prestado ao Senhor.

*A dor é boa.*

Seus olhos vermelhos esquadriharam o vestibulo quando ele entrou na

mansão. Vazio. Subiu as escadas silenciosamente, evitando acordar qualquer de seus companheiros de convívio. A porta de seu quarto estava aberta; trancas eram proibidas ali. Ele entrou, fechando a porta atrás de si.

O quarto era espartano – assoalhos de madeira de lei, uma cômoda de pinho; a um canto, um catre que servia de cama. Era visitante ali naquela semana e, mesmo assim, durante muitos anos, tinha recebido a bênção de morar em um santuário semelhante na cidade de Nova York.

*O Senhor me deu abrigo e um sentido à minha vida.*

Naquela noite, por fim, Silas sentia que tinha começado a pagar sua dívida. Correndo até a cômoda, encontrou o telefone celular escondido na gaveta de baixo e fez uma ligação.

– Sim? – atendeu uma voz de homem.

– Mestre, já voltei.

– Fale – ordenou a voz, parecendo satisfeita ao falar com ele.

– Todos os quatro se foram. Os três guardiães... e o Grão-Mestre também.

Fez-se uma pausa momentânea, como se para uma prece.

– Então presumo que obteve as informações, não?

– Todos os quatro disseram a mesma coisa. Independentemente.

– E acreditou neles?

– A concordância foi tamanha que não pode ser coincidência.

Um suspiro trêmulo de emoção.

– Excelente. Temia que a reputação da fraternidade de manter seus segredos prevalecesse.

– A iminência da morte é uma forte motivação.

– Então, meu discípulo, diga-me o que preciso saber.

Silas sabia que as informações que tinha arrancado das vítimas eram chocantes.

– Mestre, todos os quatro confirmaram a existência da *clef de voûte*... a legendaria pedra-chave.

Ouviu uma inspiração rápida do outro lado da linha, sobre o bocal do telefone, sentindo a empolgação do Mestre.

– A *pedra-chave*. Exatamente como desconfiávamos.

De acordo com a tradição, a fraternidade havia criado um mapa de pedra – uma *clef de voûte* – ou *pedra-chave* –, um tablete esculpido que revelava o local onde se poderia encontrar a última morada do maior segredo da fraternidade... uma informação tão poderosa que sua proteção era o motivo para a própria existência da fraternidade.

– Quando possuímos a pedra-chave – disse o Mestre –, restará apenas um passo.



- Estamos mais próximos do que pensa. A pedra-chave está aqui em Paris.
- Paris? Inacreditável. É quase fácil demais.

Silas lhe passou os eventos anteriores da noite... como todas as quatro vítimas, momentos antes da morte, haviam desesperadamente tentado evitar que suas vidas pagãs lhes fossem tiradas revelando-lhe seu segredo. Todas contaram a Silas exatamente a mesma coisa – que a pedra-chave se encontrava engenhosamente escondida em um local exato dentro de uma das antigas igrejas de Paris – a Igreja de Saint-Sulpice.

– Dentro de um templo do Senhor – exclamou o Mestre. – Como gostam de zombar de nós!

- Como já fazem há séculos.

O Mestre calou-se, como que deixando o triunfo do momento assentar dentro de si. Finalmente, falou.

– Você prestou um grande serviço a Deus. Já esperamos há séculos por isso. Precisa recuperar a pedra para mim. Imediatamente. Esta noite. Entende o que está em jogo?

Silas sabia que algo de valor incalculável estava em jogo, e, mesmo assim, o que o Mestre agora estava lhe pedindo parecia impossível.

– Mas a igreja é uma verdadeira fortaleza. Principalmente à noite. Como entrarei?

Com o tom confiante de um homem de enorme influência, o Mestre explicou o que devia ser feito.

Quando Silas desligou, já estava com a pele arrepiada de expectativa.

*Uma hora*, disse a si mesmo, grato porque o Mestre lhe dera tempo para realizar a penitência necessária antes de entrar em uma casa de Deus. *Preciso expiar os pecados de hoje, purificar minha alma*. Os pecados cometidos naquele dia haviam tido um objetivo santo. Há séculos se cometiam atos de guerra contra os inimigos de Deus. O perdão era garantido.

Mesmo assim, Silas sabia que a absolvição exigia sacrifício.

Puxando as cortinas, tirou toda a roupa e se ajoelhou no meio do quarto. Olhando para baixo, examinou a cinta de cilício espinhosa afivelada em torno de sua coxa. Todos os seguidores sinceros do *Caminho* usavam aquele instrumento – uma tira de couro, coberta de espinhos de metal aguçados que penetravam na carne como lembrança perpétua do sofrimento de Cristo. A dor causada pelo instrumento também ajudava a controlar os desejos da carne.

Embora naquele dia Silas já houvesse usado seu cilício mais tempo que as duas horas necessárias, sabia que não era um dia como os outros. Agarrando a

fivela, ele puxou a tira, apertando o cilício mais um buraco e gemendo quando os espinhos enterraram-se mais fundo na sua carne. Soltando o ar vagarosamente, saboreou o ritual purificador de sua dor.

*A dor é boa*, murmurou Silas, repetindo o mantra sagrado do padre Josemaría Escrivá – o Mestre de todos os Mestres. Embora Escrivá tivesse morrido em 1975, sua sabedoria sobrevivia, suas palavras ainda eram sussurradas por milhares de fiéis servos em torno do planeta, ao se ajoelharem no chão e realizarem o ritual sagrado conhecido como “mortificação corporal”.

Silas voltou depois a atenção para uma corda pesada cheia de nós que se encontrava cuidadosamente enrolada no chão diante de si. *A Disciplina*. Sobre os nós, uma camada de sangue seco. Ávido pelos efeitos purificadores de sua própria angústia, Silas tinha murmurado uma prece rápida. Depois, apanhando uma ponta da corda, fechou os olhos e golpeou-se com força no ombro, sentindo os nós baterem violentamente nas suas costas. Tornou a açoitar o ombro outra vez, dilacerando a própria carne. Açoitou-se de novo, depois mais uma vez.

*Castigo corpus meum.*

Finalmente, sentiu o sangue começar a escorrer.

## CAPÍTULO 3

**O ar fresco** e revigorante de abril penetrava pela janela aberta do Citroën ZX, enquanto ele deslizava rumo ao sul, passando pela Ópera e cruzando a Place Vendôme. No assento do passageiro, Robert Langdon sentia a cidade passar rapidamente enquanto tentava ordenar os pensamentos. A ducha rápida e a barba feita às pressas o deixaram razoavelmente apresentável, mas pouco haviam feito no sentido de aliviar sua ansiedade. A imagem apavorante do cadáver do curador não lhe saía da cabeça.

*Jacques Saunière morreu.*

Langdon não podia deixar de sentir um pesar imenso pela morte do curador. Apesar de Saunière ter fama de ser muito recluso, o reconhecimento do público por sua dedicação às artes tornava-o um homem fácil de se reverenciar. Seus livros sobre os códigos secretos ocultos nas pinturas de Poussin e Teniers estavam entre os textos didáticos prediletos de Langdon. Ele aguardava

com muita expectativa o encontro da noite anterior e ficou muito decepcionado quando o curador não compareceu.

Mais uma vez, a imagem do corpo do diretor passou-lhe pela mente, fugaz. *Jacques Saunière fez isso consigo mesmo?* Langdon virou-se e olhou pela janela, tentando afastar a imagem da cabeça.

Lá fora, a cidade só estava parando agora – os camelôs empurrando carrinhos de amêndoas açucaradas, garçons carregando sacos de lixo para o meio-fio, um casal de namorados noturnos se abraçando para se aquecer em uma brisa perfumada pelas flores de jasmim. O Citroën atravessava aquele caos com autoridade, sua sirene de dois tons dissonantes dividindo o trânsito como uma faca.

– O capitão gostou de saber que o senhor ainda estava em Paris esta noite – disse o agente, falando pela primeira vez desde que haviam saído do hotel.  
– Uma feliz coincidência.

Langdon estava se sentindo qualquer coisa, menos feliz, e coincidência era um conceito em que ele não confiava. Por ter passado a vida explorando a interconexão oculta entre emblemas e ideologias aparentemente díspares, Langdon via o mundo como uma teia de histórias e eventos profundamente entrelaçados. *As conexões podem ser invisíveis*, costumava ensinar ele em suas aulas de Simbologia em Harvard, *mas estão sempre presentes, enterradas logo abaixo da superfície*.

– Presumo que a American University de Paris lhe tenha dito que eu estava naquele hotel, não foi? – disse Langdon.

O motorista sacudiu a cabeça.

– Foi a Interpol.

*Interpol?*, repetiu Langdon, em sua mente. *Mas é claro*. Ele havia esquecido que a solicitação aparentemente inócua de todos os hotéis da Europa para que o hóspede mostrasse o passaporte ao entrar era mais do que mera formalidade – era lei. Todas as noites, em toda a Europa, os agentes da Interpol eram capazes de localizar exatamente quem estava hospedado onde. É provável que tivessem encontrado Langdon no Ritz em menos de cinco segundos.

Enquanto o Citroën acelerava rumo ao sul através da cidade, surgiu o perfil iluminado da Torre Eiffel, apontando para o céu à distância, à direita. Ao vê-la, Langdon lembrou-se de Vittoria e da promessa brincalhona feita um ano antes de, a cada seis meses, eles se encontrarem em um ponto romântico diferente do globo. A Torre Eiffel, segundo Langdon desconfiava, devia estar na lista dela. Infelizmente, ele tinha beijado Vittoria pela última vez em um aeroporto barulhento em Roma havia mais de um ano.

– Você já esteve em cima dela? – indagou o policial, encarando-o.

Langdon ergueu os olhos, certo de ter interpretado mal o que ouvira.

– Como disse?

– Ela é linda, não? – O policial indicou o pára-brisas, na direção da Torre Eiffel. – Já esteve lá em cima?

Langdon revirou os olhos.

– Não, nunca subi na torre.

– É o símbolo da França. Para mim, é perfeita.

Langdon concordou, indiferente. Os simbologistas costumavam comentar que a França, um país famoso pelo seu machismo, mania de conquistar mulheres e líderes minúsculos e inseguros como Napoleão e Pepino o Breve, não podia ter escolhido um símbolo nacional mais adequado do que um falo de 300 metros de altura.

Quando os dois chegaram ao cruzamento da Rue de Rivoli, o sinal estava vermelho, mas o Citroën não parou. O policial atravessou o cruzamento com o pé embaixo e entrou rapidamente em uma parte sombreada pelas árvores da Rue Castiglione, que servia como entrada norte do famoso Jardim das Tuileries – a versão parisiense do Central Park. A maior parte dos turistas costumava achar que o lugar se chamava Tuileries por causa dos milhares de tulipas que floresciam ali, mas, na verdade, era uma referência literal a algo bem menos romântico. Aquele parque fora antes um enorme buraco poluído resultante de uma escavação, do qual os empreiteiros de Paris retiravam argila para fabricar as famosas telhas vermelhas da cidade – ou *tuiles*.

Quando entraram no parque deserto, o policial enfiou o braço debaixo do painel e desligou a sirene barulhenta. Langdon soltou o ar, saboreando o silêncio súbito. Fora do carro, o brilho ralo e pálido dos faróis de halogênio roçava o caminho de cascalho pisoteado do parque, o chiado áspero dos pneus entoando um ritmo hipnótico. Foi nesse jardim que Claude Monet fez suas experiências com formas e cores e literalmente inspirou o nascimento do movimento impressionista. Esta noite, porém, o lugar parecia carregado de maus presságios.

O Citroën agora descrevera uma curva brusca à esquerda, dirigindo-se para oeste, pelo bulevar central do parque. Circundando um lago redondo, o motorista atravessou uma avenida deserta e entrou em um amplo quadrilátero depois dela. Langdon podia agora ver o final do Jardim das Tuileries, assinalado por um arco de pedra gigantesco.

O Arco do Carrossel.

Apesar dos rituais orgiásticos que antigamente aconteciam no Arco do Carrossel, os aficionados da arte reverenciavam aquele lugar por um motivo

totalmente distinto. Da esplanada no final do Jardim das Tuileries podiam-se ver quatro dos melhores museus de arte do mundo... um em cada ponto cardeal.

Da janela da direita, para o sul, do outro lado do Sena, e do Cais Voltaire, Langdon enxergou a fachada dramaticamente iluminada da velha estação ferroviária – agora o estimado Museu d’Orsay. Olhando de relance para a sua esquerda, podia divisar o alto do ultramoderno Centro Pompidou, que abrigava o Museu de Arte Moderna. Atrás dele, a oeste, Langdon sabia que o antigo obelisco de Ramsés se erguia acima das árvores, assinalando o Museu du Jeu de Paume.

Mas era bem ali à sua frente, a leste, do outro lado do arco, que Langdon agora via o monolítico palácio renascentista que havia se tornado o mais famoso museu de arte do mundo.

O Museu do Louvre.

Langdon sentiu uma pontada familiar de deslumbramento quando seus olhos fizeram uma fútil tentativa de absorver totalmente o imenso edifício de uma só vez. Em frente a uma esplanada inacreditavelmente ampla, a fachada imponente do Louvre erguia-se como uma cidadela contra o céu parisiense. Com o formato de uma imensa ferradura, o Louvre era o edifício mais comprido da Europa, estendendo-se além do comprimento de três torres Eiffel colocadas uma em cima da outra. Nem mesmo a esplanada de milhares de metros quadrados entre as alas do museu chegava perto da imponência das dimensões da fachada. Langdon certa vez percorrera todo o perímetro do Louvre, uma caminhada inacreditável de quase cinco quilômetros.

Apesar de se calcular que um visitante levaria cinco semanas para apreciar adequadamente as 65.300 obras de arte desse edifício, a maioria dos turistas escolhia um passeio ao qual Langdon se referia como “Louvre *light*” – uma passagem rápida pelo museu para ver os três mais famosos objetos: a *Mona Lisa*, a *Vênus de Milo* e a *Vitória Alada*. Art Buchwald tinha uma vez se gabado de ter visto as três obras-primas em cinco minutos e cinquenta e seis segundos.

O motorista pegou um *walkie-talkie* e falou num francês extremamente rápido. – *Monsieur* Langdon chegou. Dois minutos.

Uma confirmação indecifrável se fez ouvir do outro lado da linha, em meio à estática.

O policial guardou o aparelho, voltando-se para Langdon.

– Vai se encontrar com o capitão na entrada principal.

O motorista ignorou as placas que proibiam circulação de automóveis na esplanada, acelerou o motor e subiu o meio-fio com o Citroën. Dali dava para se ver a entrada principal do museu, erguendo-se ousada à distância, circundada por sete piscinas triangulares das quais jorravam sete chafarizes iluminados.

*A Pirâmide.*

A nova entrada do Louvre havia se tornado quase tão famosa quanto o museu em si. A controvertida pirâmide de vidro neomoderna projetada pelo arquiteto americano nascido na China I. M. Pei ainda evocava a zombaria dos tradicionalistas, segundo os quais ela agredia a dignidade do pátio renascentista. Goethe havia descrito a arquitetura como música solidificada, e os críticos de Pei descreveram aquela pirâmide como o atrito produzido pelas unhas contra um quadro-negro. Os admiradores progressistas, no entanto, saudaram a pirâmide transparente de Pei, com 22 metros de altura, como sinergia deslumbrante entre estrutura antiga e método moderno – um vínculo simbólico entre o antigo e o novo – conduzindo o Louvre para o novo milênio.

– Gosta da nossa pirâmide? – perguntou o policial.

Langdon franziu o cenho. Os franceses, ao que parecia, adoravam perguntar isso aos americanos. Era uma pergunta capciosa, é claro. Admitir que gostava da pirâmide faria da pessoa um americano sem gosto estético, e demonstrar repulsa por ela seria um insulto para o francês.

– Mitterrand era ousado – respondeu Langdon, evasivo. Dizia-se que o falecido presidente francês que havia mandado construir a pirâmide sofria de um “complexo de faraó”. O único responsável por encher Paris de obeliscos, arte e artefatos egípcios, François Mitterrand tinha uma afinidade tão obsessiva pela cultura egípcia que os franceses ainda hoje se referiam a ele como a Esfinge.

– Qual o nome do capitão? – indagou Langdon, mudando de assunto.

– Bezu Fache – informou o motorista, aproximando-se da portaria da pirâmide. – Nós o chamamos de *Le Taureau*.

Langdon olhou-o de relance, imaginando se todo francês teria um misterioso apelido zoológico.

– Vocês o chamam de *O Touro*?

O homem ergueu as sobrancelhas.

– Seu francês é melhor do que admite, Sr. Langdon.

*Meu francês é uma droga*, pensou Langdon, *mas minha iconografia zodiacal é boa demais*. *Taurus* era sempre Touro. A astrologia possuía uma simbologia constante em todo o mundo.

O policial parou o carro e indicou uma porta enorme entre dois chafarizes na lateral da pirâmide.

– Ali é que fica a porta. Boa sorte, *monsieur*.

– Você não vem?

– Tenho ordens de deixá-lo aqui. Preciso tratar de outras coisas.

Langdon suspirou profundamente e saiu da viatura. *Vocês é que comandam o espetáculo, mesmo.*

O policial acelerou o motor e partiu ventando.

Enquanto estava ali de pé, sozinho, vendo os faróis traseiros do carro de polícia se afastarem, percebeu que podia facilmente mudar de idéia, sair do pátio, pegar um táxi e voltar para sua cama. Porém, teve o pressentimento de que aquela não seria uma boa idéia.

Ao se dirigir para a névoa formada pelos chafarizes, Langdon teve a sensação incômoda de que estava atravessando um limiar imaginário e entrando em um outro mundo. O clima onírico daquela noite estava voltando a se impor ao seu redor. Vinte minutos antes ele estava dormindo no seu quarto de hotel. Agora se encontrava diante de uma pirâmide transparente, construída pela Esfinge, esperando um policial que chamavam de Touro.

*Devo ter ido parar em alguma pintura de Salvador Dalí, pensou.*

Langdon avançou para a portaria – uma enorme porta giratória. O saguão atrás dela estava fracamente iluminado e deserto.

*Será que devo bater?*

Langdon ficou imaginando se algum dos reverenciados egiptólogos de Harvard havia algum dia batido à porta da frente de alguma pirâmide e esperado alguém atender. Ergueu a mão para bater no vidro, mas da escuridão, vinda lá de baixo, surgiu uma figura, subindo a passos largos a escadaria em caracol. O homem era troncudo e escuro, quase um exemplar de Neandertal, vestido com um terno escuro de peito duplo muito esticado sobre os ombros largos. Ele avançou com uma autoridade inconfundível, sobre pernas curtas, grossas e potentes. Estava falando ao celular, mas desligou ao chegar. Fez sinal a Langdon para que entrasse.

– Meu nome é Bezu Fache – apresentou-se, quando Langdon passou pela porta giratória. – Capitão da Diretoria Central da Polícia Judiciária. – Seu tom combinava com ele – um ribombar gutural... parecendo prenúncio de tempestade. Langdon estendeu a mão para apertar a do policial.

– Robert Langdon.

A enorme palma da mão de Fache envolveu a de Langdon com uma força esmagadora.

– Vi a foto – disse Langdon. – Seu subordinado disse que *o próprio* Jacques Saunière fez aquilo consigo mesmo...

– Sr. Langdon – os olhos cor de ébano de Fache fitaram os dele, insistentemente. – O que viu na foto foi só o início do que Saunière fez.

## CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DO AUTOR

### FORTALEZA DIGITAL

Antes de estourar no mundo inteiro com *O Código Da Vinci*, Dan Brown já demonstrava um talento singular como contador de histórias no seu primeiro livro, *Fortaleza Digital*, lançado em 1998 nos Estados Unidos.

Muitos dos ingredientes que, anos depois, fariam com que o autor fosse reconhecido como um novo mestre dos livros de ação e suspense já estavam presentes no seu romance de estréia: a narrativa rápida, a trama repleta de reviravoltas que prendem o leitor da primeira à última página e o fascínio exercido por códigos secretos, criptografia e enigmas misteriosos.

Em *Fortaleza Digital*, Brown mergulha no intrigante universo dos serviços de informação e ambienta sua história na ultra-secreta e multibilionária NSA, a Agência de Segurança Nacional americana, mais poderosa do que a CIA ou qualquer outra organização de inteligência do mundo.

Quando o supercomputador da NSA, até então considerado uma arma invencível para decodificar mensagens terroristas transmitidas pela Internet, se depara com um novo código que não pode ser quebrado, a agência recorre à sua mais brilhante criptógrafa, a bela matemática Susan Fletcher.

Preso numa teia de segredos e mentiras, sem saber em quem confiar, Susan precisa encontrar a chave do engenhoso código para evitar o maior desastre da história da inteligência americana e para salvar a sua vida e a do homem que ama.



## PONTO DE IMPACTO

Quando um novo satélite da NASA encontra um estranho objeto escondido nas profundezas do Ártico, a agência espacial aproveita o impacto da sua descoberta para contornar uma grave crise financeira e de credibilidade. O peso dessa revelação acarreta sérias implicações para a política espacial norte-americana e, sobretudo, para a iminente eleição presidencial.

Com o objetivo de verificar a autenticidade da descoberta, a Casa Branca envia a analista de inteligência Rachel Sexton para a desolada geleira Milne. Acompanhada por uma equipe de especialistas, incluindo o carismático pesquisador Michael Tolland, Rachel se depara com indícios de uma fraude científica que ameaça abalar o planeta.

Antes que Rachel possa falar com o presidente dos Estados Unidos sobre suas suspeitas, ela e Michael são perseguidos por assassinos profissionais controlados por uma pessoa que é capaz de tudo para encobrir a verdade. Em uma fuga desesperada para salvar suas vidas, a única chance de sobrevivência para Rachel e Michael é desvendar a identidade de quem se esconde por trás de uma conspiração sem precedentes.

Com fascinantes informações sobre a NASA, a comunidade de inteligência e os bastidores da política americana, sem falar na polêmica discussão sobre a possibilidade de vida extraterrestre, *Ponto de Impacto* revela o amadurecimento de Dan Brown como escritor, reunindo todas as qualidades que o transformariam em um fenômeno mundial com seu livro seguinte, *O Código Da Vinci*.



## **CONHEÇA OS CLÁSSICOS DA EDITORA ARQUEIRO**

*Queda de gigantes*, de Ken Follett

*Não conte a ninguém, Desaparecido para sempre, Confie em mim e Cilada*, de Harlan Coben

*A cabana*, de William P. Young

*A farsa*, de Christopher Reich

*Água para elefantes*, de Sara Gruen

*O Símbolo Perdido, O Código Da Vinci, Anjos e Demônios, Ponto de Impacto e Fortaleza Digital*, de Dan Brown

*Julieta*, de Anne Fortier

*O guardião de memórias*, de Kim Edwards

*O guia do mochileiro das galáxias, O restaurante no fim do universo, A vida, o universo e tudo mais, Até mais, e obrigado pelos peixes! e Praticamente inofensiva*, de Douglas Adams

*O nome do vento*, de Patrick Rothfuss

*A passagem*, de Justin Cronin

*A revolta de Atlas*, de Ayn Rand

*A conspiração franciscana*, de John Sack



## **INFORMAÇÕES SOBRE OS PRÓXIMOS LANÇAMENTOS**

Para receber informações sobre os lançamentos da  
EDITORA ARQUEIRO, basta cadastrar-se diretamente no site  
[www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)

Para saber mais sobre nossos títulos e autores, e enviar  
seus comentários sobre este livro, visite o site  
[www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br) ou mande um e-mail para  
[atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)

EDITORA ARQUEIRO

Rua Clélia, 550 – salas 71 e 73 – Lapa

05042-000 – São Paulo – SP

Telefone (11) 3868-4412 – Fax (11) 3862-5818

E-mail: [atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)